

ÍNDICE

Introdução	9
Prefácio	II

I

ENTRE LITERATURA E JORNALISMO

Um Percurso de Vida	17
<i>Fernando Dacosta</i>	

II

PANORAMA DO JORNALISMO NO ESPAÇO LUSÓFONO

Angola	23
<i>Carlos Lisboa</i>	
Brasil.....	29
<i>José Maurício de Carvalho</i>	
Cabo Verde	39
<i>Silvino Lopes Évora</i>	
Galiza	59
<i>Maria Dovigo</i>	
Guiné	65
<i>João de Barros</i>	
Macau.....	67
<i>Jorge Rangel</i>	



Malaca	71
<i>Luisa Timóteo</i>	
Moçambique.....	73
<i>Delmar Maia Gonçalves</i>	
São Tomé E Príncipe.....	77
<i>Edite Ten Jua</i>	
Timor-Leste	79
<i>Ivonía Nahak Borges</i>	

III

PRÉMIOS *TABULA RASA*

Literatura Infanto-Juvenil.....	87
<i>Inês Barata Raposo e Susa Monteiro</i>	
Poesia.....	91
<i>Albano Martins</i>	
Filosofia	101
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
Ficção	105
<i>Mário Cláudio</i>	
Vida e Obra	109
<i>Fernando Dacosta</i>	

IV

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Fotos do III Festival de Fátima	115
---------------------------------------	-----

V

APÊNDICE

Elogio Póstumo a Pinharanda Gomes, Prémio “Vida e Obra” do II Festival Literário de Fátima	135
<i>Marcelo Rebelo de Sousa</i>	

INTRODUÇÃO

Decorreu na segunda quinzena de Novembro de 2019, entre os dias 28 e 20, o III Festival Literário TABULA RASA, uma co-organização do MIL: Movimento Internacional Lusófono e da Revista *Nova Águia*, em parceria com as autoridades locais (Junta de Freguesia de Fátima e Câmara Municipal de Ourém) e em associação com uma vasta série de entidades: Academia Lusófona Luís de Camões | Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo | Associação Coração em Malaca | Academia Pró-Academia Galega de Língua Portuguesa | Casa de Goa | CLEPUL: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias | Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora | Fundação Lusíada | Instituto Fernando Pessoa | Instituto de Filosofia Luso-Brasileira | Instituto Internacional de Macau | Liga Africana | Sociedade Histórica da Independência de Portugal | Sphaera Mundi: Museu do Mundo.

Assumimos o lema “Muito mais do que um Festival Literário” e o volume que aqui se apresenta justifica-o plenamente. Depois de, nos dois primeiros Festivais, termos abordado a relação entre “A Literatura e a Filosofia” e a “A Literatura e o Sagrado”, desta vez o mote foi “A Literatura e o Jornalismo”, com uma série de painéis onde se procurou estabelecer essa ponte. A dimensão internacional lusófona dos dois primeiros Festivais também se manteve, com uma série de intervenções sobre o panorama do jornalismo nos diversos países e regiões do amplo e plural espaço de língua portuguesa. Essa dimensão internacional lusófona já se tornou, de resto, uma das marcas maiores dos Festivais TABULA RASA. Neste volume, publicamos essas intervenções, bem como outras que tiveram lugar – desde logo, a de Fernando Dacosta, que nos acompanhou durante todo este Festival, em que recebeu o “Prémio Vida e Obra”, sucedendo assim a Eduardo Lourenço e a Pinharanda Gomes.



De igual modo, publicamos aqui a justificação dos diversos Prémios “Obras TABULA RASA 2018-2019”, nas diversas categorias: Literatura infanto-juvenil (justificação: Delmar Maia Gonçalves); Poesia (justificação: António José Borges); Ficção (justificação: António Ganhão); Filosofia (justificação: Luís Lóia) – bem como o “Prémio Vida e Obra”, entregue, conforme o já aqui recordado, a Fernando Dacosta (justificação: Miguel Real). Finalmente – para além de um “Elogio Póstumo” de Marcelo Rebelo de Sousa a Pinharanda Gomes, anterior “Prémio Vida e Obra”, que, tal como Eduardo Lourenço, “Prémio Vida e Obra” da I Festival TABULA RASA, nos deixou entretanto –, publicamos uma breve mas significativa “Memória Fotográfica” deste III Festival, que, tal como os dois primeiros, teve ainda um programa paralelo mais dirigido ao público infanto-juvenil e diversos momentos culturais que muito agradaram à numerosa assistência. Por tudo isso, uma palavra final de reconhecimento a toda a equipa que trabalhou e que continuará decerto a trabalhar connosco, após este interregno pandémico que nos tem assolado.

RENATO EPIFÂNIO
Comissário do Festival



PREFÁCIO

Haverá decerto uma geração para a qual *Tabula Rasa* pouco mais significará do que o título de uma série, tida por das mais populares, da Netflix. Uma série sueca, de *suspense*, onde uma jovem fica em estado amnésico após um acidente de viação, sendo tal perda de memória a chave do que se segue: investigação de pessoas desaparecidas, terror psicológico, drama. Se a quaisquer dos devotos seguidores de tal série lhes falassem num festival literário a propósito de *Tabula Rasa*, pensariam tratar-se de um engano ou de coisa do Além. E, no entanto, uma outra *Tabula Rasa* tem existido, e resistido desde há vários anos a partir de uma coisa ainda mais misteriosa, envolvente ou inesgotável do que qualquer série televisiva: a Literatura.

E é a partir dela, e das suas inumeráveis folhas escritas em tantas línguas, que se tem aberto, de dois em dois anos, uma “folha em branco” em forma de festival. Não por desmemória, mas pelo seu contrário: o encontro de memórias, individuais e colectivas, a partir de um mote. E se no primeiro (18 a 22 de Novembro de 2015) ele partiu do encontro da Literatura com a Filosofia e no segundo (15 a 18 de Novembro de 2017) do encontro daquela com o Sagrado, o terceiro (28 a 30 Novembro de 2019) levou-a a confrontar-se com o Jornalismo. Premiando, no que terá sido um dos gestos mais simbólicos desse encontro, um jornalista que ao longo da sua vasta e produtiva vida profissional e literária viveu intensamente esses dois géneros, o Jornalismo e a Literatura, criando laços entre ambos. Falamos, é claro, de Fernando Dacosta.

Foi ele que, a dada altura do festival, lamentou que o jornalismo tenha vindo a ser substituído por uma designação que o abarca mas não o explica nem justifica: “comunicação social”. Essa que, como afirmou Fernando Dacosta, “foi diluindo a genuinidade do jornalismo português. Aliás, ninguém sabe ao certo



o que ela, comunicação social, é: serão os comboios, os telefones, as pontes, os pombos correios, a internet?” Quem gosta de citar Marshall McLuhan (1911-1980), nomeadamente as obras *Comprender os Meios de Comunicação, Extensões do Homem* (1964) ou *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects* (1967), saberá do que se trata e como os meios de comunicação têm vindo a moldar as sociedades, as culturas e o comportamento humano (e o “massage” do título não é “mensagem”, como tantas vezes se afirmou, é mesmo *massage*, um acto tão reparador quanto repetitivo ou anestesiante).

Mas voltemos à ligação Literatura-Jornalismo (e logo num lugar, Fátima, que abarca também os motivos dos festivais anteriores: Filosofia, Sagrado), para que se possa avaliar até onde se abalançou a ambição do terceiro festival, no que ali se disse e ouviu – e neste livro pode ser lido já com algumas actualizações ditadas pela posteridade, como as referências à pandemia da covid-19 e aos seus reflexos nos temas em debate. Se, no que a Portugal diz respeito, a discussão se centrou no “Estado do Jornalismo Regional” (para concluir que esse estado é ainda o da dependência, da escassez de meios e da subalternização, lutando a imprensa local e regional contra as pressões de poderes públicos e privados e por uma sobrevivência digna), no âmbito internacional, isto é, no espaço mais vasto da língua portuguesa, as experiências narradas sobre o que significa “Ser Jornalista” dividiram-se entre a resenha histórica e a experiência vivida. Nomeadamente aquela que passou do enfrentar da censura dos tempos coloniais para outras censuras, movidas pelo autoritarismo ou paternalismo dos partidos únicos que ascenderam ao poder em Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde ou Moçambique, sendo estes dois últimos países exemplos do cruzamento entre Literatura e Jornalismo, com um bom número de escritores e poetas intimamente ligados a jornais ou revistas.

Dos males do jornalismo actual, bem como das ameaças que sobre ele pendem, ouviram-se também vozes avisadas, alertando para que “a veracidade da própria notícia pode ser posta em causa, ser sacrificada em detrimento da rapidez para fazer chegar a informação” (São Tomé e Príncipe), a falta de recursos a acentuar “os mecanismos de suporte do ‘jornalismo sedentário’ ou ‘jornalismo sentado’” (Cabo Verde) ou com a televisão levada a consagrar “uma nova banalidade do mal, diferente da mencionada por Hannah Arendt, repeti-lo à exaustão até que ninguém dê atenção a ele” (Brasil). A isto se somam as causas linguísticas, de resistência cultural, patrimonial ou histórica (Galiza, Macau, Malaca). Ou ainda a luta para sagrar na lei direitos profissionais, como em Timor-Leste, onde “ainda não existe um quadro legal para a Comunicação Social, apesar da existência da imprensa estar ‘bem garantida’ na Constituição.”

Disto se fez a III Edição do *Tabula Rasa*, Festival Literário de Fátima. De tudo isto mais os prémios, os apontamentos musicais, os encontros entre sessões,



conferências ou tertúlias, até uma sessão do programa “Governo Sombra”, num bem lotado Centro Pastoral Paulo VI.

De tudo isto se faz também este livro, eco já algo distante desses debates, mas permitindo a fixação de dados e argumentos para que não se perca o que ali foi dito e ouvido. Se de início a folha já não estava propriamente em branco, agora ficou bem mais preenchida. Que tirem o melhor proveito todos os que, ligados ao tema ou meros curiosos, a ela agora acedam.

NUNO PACHECO

Redactor-Principal do Jornal Público

